

# PAUL TILLICH, o teólogo da correlação

Sumio Takatsu

Indiscutivelmente, a figura de Paul Tillich se destaca no cenário contemporâneo da teologia protestante, em primeiro lugar, pela obra gigantesca de sua teologia criadora e sistemática, e em segundo, pela controvérsia que tem suscitado por causa de seu método de correlação que sintetiza um esforço honesto de apresentar a mensagem cristã de modo relevante e aceitável à mentalidade moderna, principalmente, aos intelectuais, que sofrem vacuidade espiritual, e que não podem encontrar uma resposta satisfatória na proclamação da Igreja na sua forma tradicional. Isso tem dado margem ao surgimento da controvérsia e também da admiração em torno de sua pessoa e de sua teologia. Alguns estudiosos afirmam que Tillich é o teólogo dos teólogos. Outros o enquadram na galeria dos gnósticos e panteístas. No entanto, nenhum de seus críticos deixa de admirá-lo como um pensador que se mostra hábil no diálogo com quase todos os domínios do pensamento humano, na análise dos problemas que surgem nas discussões e no modo criador e sistemático pelo qual encara e interpreta as questões humanas. Mas isso não quer dizer que a solução e as respostas que apresenta tenham aceitação universal. O que realmente caracteriza sua obra teológica e sua existência de teólogo é o conceito de «limite», isto é, a presença do homem na linha demarcativa entre dois sistemas, duas realidades antagônicas, contraditórias e em tensão. Esse conceito permeia toda sua teologia, inclusive sua autobiografia.

Consideremos, primeiramente, esse princípio nos ligeiros traços biográficos de Tillich.<sup>1</sup>

Nasceu em Starzeddel, nas proximidades de Guben, numa pequena vila industrial da província de Brandenburg, nas cercanias da Silésia, em 20 de agosto de 1886. Conforme sua própria interpretação, essa última década do século XIX, do ponto de vista histórico, foi o período de apogeu da sociedade liberal, com toda a sua estabilidade e esplendor. Ao mesmo tempo, era o limiar da era revolucionária do nosso século. Alimentado nas fontes cristãs, Tillich traz assim na sua teologia e personalidade a nostalgia e o respeito pelos elementos do humanismo, que se mostram subjacentes à sociedade do século passa-

---

1 — Autobiographic Reflection em *The Theology of P. Tillich*, editado por C. W. Kegley e R. W. Bretall. *The Protestant Era. The Interpretation of History*.

do, bem como os impulsos revolucionários contra a auto-complacência da sociedade liberal. Esses elementos transparecem em seus escritos, ora em tensão, ora em síntese. E as melhores obras de Tillich nesse sentido são **The Protestant Era** e **Religious Situation**.

Quando tinha 4 anos de idade, seu pai, então ministro da igreja territorial da Prússia, foi promovido para o cargo da superintendência da diocese de Schonfliess-Neumark. Aí fez seus estudos de Humanidade na escola pública.

O que mais interessa destacar nesse período da vida do teólogo para a nossa consideração é o ambiente da cidade que nele influenciou consideravelmente, para apreciar o passado histórico do homem e a relação profunda que teve com a natureza, e para pensar sobre a tensão social entre a classe privilegiada e a classe desprivilegiada.

A cidade de Neumark, conforme ele mesmo descreve, é uma pequena cidade com todos os característicos medievais e campestres: Ainda restavam os antigos muros que protegiam a cidade, e o ambiente falava no passado como se fosse uma realidade presente. A vida, em geral, não era a de um centro industrial distante da natureza. Assim, soube apreciar também a natureza como algo que expressa o divino e não como algo para ser controlado simplesmente pelo método analítico e técnico. Nisso vemos uma sombra da concepção de **Larvae Dei**, muito importante no pensamento de Lutero.

Pela posição de seu pai, o jovem Paul Johannes desfrutava a companhia das famílias abastadas e influentes da cidade, que na maioria eram latifundiárias, membros da paróquia de seu progenitor. Mas, na escola pública tinha também amigos da classe desprivilegiada. A consciência de pertencer a uma classe influente, socialmente falando, o perturbava muito. Ao mesmo tempo, sentia na carne o ressentimento dos rapazes de famílias necessitadas.

Nesse período teve grande atração pela metrópole, visto que Berlim ficava perto de sua cidade. Nisso também podemos ver a existência do «limite» entre a pequena e grande cidade, entre a classe pobre e a abastada, entre a nostalgia pela natureza e pelo anseio do que é caracteristicamente urbano e produto do esforço criador do homem.

Aos 14 anos, seu pai foi transferido para uma função importante da Igreja Luterana em Berlim. Conta na sua autobiografia que esse foi o período em que teve mais fascinação pelo grande centro cultural. Ali pôde estudar com mais recursos os homens e movimentos que contribuíram para a formação da cultura alemã, que naqueles dias falava muito aos estudantes. Cada nova descoberta era fascinação.

Doutorou-se em Filosofia em 1911, com 25 anos de idade, licenciando-se em Teologia no ano seguinte, em Halle. Durante os estudos universitários, dedicou-se muito à cultura e à filosofia gregas. Disso decorre sua predileção pelos filósofos pré-socráticos.

Quanto à teologia, estudou sob a orientação de Martin Kahler, de quem aprendeu que a teologia protestante não é produto de uma época e que possui algo de universal.

Ele mesmo confessa que até a guerra de 14 sua vida acadêmica estava restrita às teorias, estando assim alheio aos problemas práticos, às forças que em certo sentido determinam as condições e as formas de vida pessoal. Vindo a guerra em 1914, foi convocado para o exército alemão e serviu de capelão. Bastaram algumas semanas para compreender que chegara o fim para uma existência meramente teórica e individualista. Isso se lhe tornou claro ao voltar ao lar, depois de quatro anos de permanência nos campos de batalha. Percebeu os impulsos revolucionários em ebulição, a proliferação dos movimentos que advogavam uma reforma estrutural da sociedade, a insatisfação confusa do povo diante da forma tradicional de vida e a Igreja alheia a essa situação. Nesse período se formava no seio das igrejas evangélicas uma liga política, tentando sintetizar as palavras de N.S. Jesus Cristo, que condenam a avareza, o rico, a injustiça e a análise marxista da sociedade. Esse movimento criticava qualquer tendência de equacionar a realidade da Igreja com o Reino de Deus. Mas quis ver a vontade de Deus realizada no domínio da política, e assim, aquilo que foi negado à Igreja foi afirmado no mundo. O Reino de Deus se equacionava, por um determinado movimento, político. Essa equação foi rejeitada por Tillich em o nome do «**princípio protestante**» que protesta contra **qualquer absolutização do relativo** e contra **qualquer relativização do absoluto**. Até 1949, Tillich alimentava a esperança de que uma espécie de acontecimento viesse sintetizar o movimento revolucionário encetado pelos marxistas com o princípio protestante. Mas, em 15 de junho de 1949, confessava sua decepção num artigo intitulado **Beyond Religious Socialism** para a **CHRISTIAN CENTURY**, afirmando que num futuro próximo os ideais do socialismo religioso não poderiam mais ser realizados. E isso equivale ao abandono do socialismo religioso.

Foi no período depois da guerra que teve os primeiros contatos com o movimento psicanalítico, existencialista e de arte moderna. Em toda a confrontação com novos movimentos foi, pelo menos na intenção, o homem do «limite». Mas como o limite é algo relativo e transponível, Tillich situou-se num lado e no outro.

Quanto ao magistério universitário, lecionou Filosofia na Universidade de Berlim e Teologia em Marburg, onde conheceu como colega o filósofo Heidegger. Nesse tempo também recebeu a influência da neo-ortodoxia através de colegas e de estudantes. Também lecionou em Dresden e Frankfurt. Em 1933 uniu-se ao movimento de Barth contra o nazismo, o que resultou na sua demissão do cargo de professor universitário. Nesse mesmo ano, através de Reinhold Niebuhr, foi convidado a lecionar no Union Seminary nos Estados Unidos. Pela sua autobiografia, podemos notar que o Union Seminary e a vida nos Estados Unidos foram os maiores impactos na sua vida e no seu pensamento. Quanto a União e a Universidade de Co-

lumbia, fala com amor e carinho que não se notam em descrições de outros períodos de sua vida. Nos Estados Unidos usufruiu o diálogo com diversas correntes do pensamento teológico dos quatro cantos da terra, a comunidade de estudiosos que, em certo sentido, corrigiu seu individualismo acadêmico. Em questões de família, aprendeu através dos filhos que o pai não deve exercer tanto a autoridade paterna. Quanto ao pensamento, passou por uma transformação em virtude do uso da língua inglesa e do contacto com o Grupo de Discussão dos Teólogos norte-americanos.

Nesses ligeiros traços biográficos, notamos a presença do homem no limite entre duas realidades, entre dois mundos, entre a Igreja e o mundo.

### A Teologia de Paul Tillich

O conceito de «limite» alcança sua expressão máxima, articulada criadoramente, no método de correlação, talvez o âmago da teologia tillichiana. Para interpretar com justiça o lugar de seu método na teologia, que é motivo de controvérsias, temos de estabelecer alguns característicos fundamentais de seu sistema.<sup>2</sup>

1. A teologia de Tillich é essencialmente apologética. Isso parte do princípio de que teologia é a função primordial da Igreja de interpretar para cada geração a mensagem imutável do Evangelho. Nisso o teólogo da correlação não difere dos demais na atualidade. Mas, o que êle destaca, em primeiro lugar, no seu sistema teológico, comparado com o de Barth ou Brunner, é a ausência quase total de um conjunto de exegese das Escrituras para elaborar seu pensamento teológico, e em segundo, o esforço de estabelecer um denominador comum com quase todos os aspectos da cultura humana.

2. Embora se expresse numa terminologia muitas vêzes estranha ao pensamento bíblico, a teologia tillichiana é determinada pelo Kerygma. Mesmo que admita a revelação de Deus fora da história bíblica e encontre alguns sinais da manifestação do julgamento e da graça na religiosidade humana e na esfera secular, o critério final, pelo qual tôda a espécie de revelação deve ser compreendida, julgada e afirmada, é o evento de Jesus Cristo.

Podemos também notar seriedade para com o Kerygma no seu sermão intitulado **O Teólogo**,<sup>3</sup> em que faz a assertiva de que o teólogo pode realizar sua vocação e existir teologicamente só através do impacto do Espírito Santo. Teologar, se assim podemos dizer, é o dom do Espírito Santo na Igreja de Deus. Sua **Teologia Sistemática** expressa de modo mais peculiar o seu pensamento. Diz: «o teólogo está concretamente comprometido ou envolvido responsávelmente no

---

2 — Devo as caracterizações, em parte, ao Dr. A. T. Mollegen do Seminário Teológico de Virgínia. Ref. *The Theology of P. Tillich* editado por Kegely e Bretall.

3 — *The Shaking of Foundation*.

círculo teológico», isto é, no círculo de raciocínio que pressupõe a fé, a revelação, que procura compreender, articular e confirmar. Por isso, o teólogo está também comprometido com o caráter singular e irrepetível do evento de que **Jesus é Cristo**, não obstante, procure mostrar a validade universal do evento.

3. O terceiro característico é simplesmente o seguimento do que afirmamos até aqui, isto é, o caráter cristocêntrico. Seu estudo, palestras, conversações em torno de arte, filosofia, psicologia e religião, visam quase somente a compreender e mostrar a relação de todas as coisas com Cristo manifesto como a nova criatura. Mas cumpre dizer que sua cristologia é um problema à parte. Trataremos disso, mais adiante.

4. Em quarto lugar, destaca-se o princípio crítico, ou seja, a derivação de sua cristologia, do movimento profético e do princípio da justificação pela fé. Em outras palavras, o princípio crítico é o protesto contra tudo o que não é divino que pretende ser absoluto, à luz da própria manifestação de Deus, a saber, a revelação final em Jesus Cristo. Esse princípio se aplica também a Igreja e ao receptáculo da revelação e o seu registro, as Escrituras. Isso encoraja a Igreja a reexaminar sua mensagem e usar o método crítico com relação às Escrituras, a fim de ouvir a Palavra de Deus e não a palavra dos homens de uma época. Tal princípio está implícito na própria revelação contida nas Escrituras. Esse critério tillichiano se expressa nestas palavras a respeito da revelação: «a revelação é final se tiver o poder de negar-se a si mesma sem se perder».<sup>4</sup> Essa idéia, sem dúvida, parte do princípio de que a morte do Filho é a manifestação suprema da glória do Pai. Tillich se subscreve à **teologia da cruz** do seguinte modo: «a minha cristologia foi determinada pela interpretação da Cruz de Cristo como o evento da História em que o julgamento divino sobre o mundo se tornou concreto e manifesto».<sup>5</sup>

Apresentamos, assim, os quatro característicos fundamentais da teologia de Tillich. Mas ainda não caracterizamos o conceito de «limite», isto é, o método da correlação que, ao meu ver, suscita interpretações errôneas e controversas, inclusive sérias objeções plausíveis.

O método da correlação tem de ser localizado no seu esforço apologético.

### Método da correlação

O autor de **The Protestant Era** afirma que sua teologia pressupõe dois polos, dois fatores independentes, mas ao mesmo tempo correlatos e interdependentes, a saber, o Kerygma, por um lado, e a situação humana, por outro. Convém frisar que pela situação não se refere ao estado psicológico ou sociológico, em que determinado indivi-

---

4 — Systematic Theology, Vol. I, 133

5 — The Interpretation of History, 32

duo ou grupo vive, mas se refere ao espírito e ao conjunto de interpretações do significado da existência e do destino do homem, que uma determinada geração expressa através de formas de arte, de ciência, de política, de filosofia.

A interdependência da situação e da mensagem é o âmago do método da correlação. Assim, em princípio, Tillich faz o papel do teólogo que se compromete com o «círculo teológico» e, ao mesmo tempo, com a função de livre pensador, filósofo, que faz indagações ao Evangelho com pressupostos das religiões e das ideologias. Frisemos que **em princípio** notamos a presença daquele conceito de Lutero «**simul justus et peccator**» na sua existência teológica. Pois, pelo impacto do Espírito Santo, afirma que Jesus de Nazaré, crucificado como criminoso político e blasfemador de Deus; é o Cristo, a única esfera em que se manifestou o poder reconciliador de Deus com os homens. Mas o mesmo Tillich que assim afirma participa simultaneamente da situação humana, caracterizada pela revolta, desespero, frustração, orgulho e dúvida. Dêsse ângulo, quer ouvir, compreender e apropriar a mensagem manifesta em Cristo, e participar do seu poder reconciliador. Devemos assinalar de passagem que o conceito de justificação em Tillich abrange o domínio da dúvida. «Aquêle que está em dúvida é justificado». Em síntese, o teólogo está dentro do «círculo teológico» e fora dêle simultaneamente em fé e em dúvida, comprometido e livre ao mesmo tempo.<sup>6</sup>

Essa é uma assertiva ousada, mas sincera e honesta, de um teólogo que se situa no «limite» ou na «fronteira», que se sente livre para indagar questões em tórno do evento paradoxal de Jesus Cristo e seu significado, porque a fé é liberdade diante de Deus e dos homens. De certo modo, essa afirmação ilumina a existência do cristão e da Igreja no mundo. Por outro lado, é também uma porta aberta para diluir o aspecto singular e irrepetível do evento de Jesus Cristo e para acomodar a mensagem à situação. Por isso Tillich é muitas vêzes contado entre os teólogos liberais.

Afirmamos que o método da correlação parte do pressuposto do «simul justus et peccator» e do seu desejo de interpretar o Kerygma a cada geração, principalmente aos intelectuais que procuram, em última análise, o Evangelho, mas que não podem aceitar a mensagem cristã na forma tradicional e, por isso, sofrem. Além dêsses pressupostos, existe outro que é causa de não poucas controvérsias.

**É a identidade da estrutura do ser humano**, do universo, da criação **com o Logos de Deus**. Esse pressuposto não está explícito na teologia de Paul Tillich, mas tem poderosa influência em todo o seu sistema, embora caracterize formidavelmente o pecado e o poder demoníaco (cf. *What is Wrong with «Dialectic» Theology*, the *Journal of Religion*, abril de 1935, pág. 137). Do ângulo dessa identidade, Tillich está convencido de que o ser humano em si é uma pergunta por Deus, a procura da satisfação e realização do seu ser em Deus.

---

6 — Systematic Theology, Vol. I, 13

Antes que articule, formule e verbalize a questão, o homem é em si uma pergunta. Essa pergunta Tillich denomina de modo peculiar de «preocupação última ou final». Em outras palavras, o homem não quer desvanecer-se qual sombra, antes procura com todo o esforço uma realização concreta de si mesmo. Essa paixão pela realização infinitamente, que é uma luta constante sem descanso, é para Tillich a procura de Deus feita pelo homem. Nisso vemos algo semelhante a Santo Agostinho. Essa preocupação inerente em todo o homem é o paralelo da universalidade da revelação final em Jesus Cristo, porque o Logos da Criação é o Logos da Redenção.

Para apreciar justamente o pensamento de Tillich é necessário distinguir e esclarecer várias preocupações no seu sistema.

1. Está preocupado em demonstrar que a criação é suscetível ao chamado de Deus. Certamente, o pensamento bíblico endossa essa idéia, pois criação é vocação. A Palavra de Deus ordenou a existência da criação e foi também o mesmo Verbo quem a redimiui. Entretanto, há uma diferença radical entre ser suscetível pela graça ao chamado de Deus e ter uma estrutura idêntica ao Logos de Deus.

2. Está interessado em mostrar à geração moderna a onipotência de Deus e a inevitabilidade do confronto do homem com Deus. Em outras palavras, o homem está cercado por todos os lados pela presença de Deus. Não resta dúvida que a Bíblia corrobora essa idéia. Além disso, fala no Senhorio de Deus em Jesus Cristo sobre todas as coisas através da Encarnação, da morte, da ressurreição, da ascensão de Cristo e do Pentecostes, sem deixar de falar no ato criador. O que em Tillich não se coaduna com as Escrituras é uma sutil confusão da presença de Deus com a do homem. Isso ocorre no seu conceito de Espírito. Praticamente, não existe de modo independente o Espírito de Deus. Tal é o caso do Logos de Deus. O Verbo de Deus se realiza na criação e não em si mesmo.<sup>7</sup>

Para fazer justiça ao método da correlação, temos de ter em mente que Tillich não considera a situação **como tal em si**, antes articula a situação do ponto de vista do Kerygma, porque a pergunta do homem encontra a verdadeira resposta na revelação final. Contudo, a resposta é articulada, formulada e apresentada com vistas à situação e à luz da pergunta. Pois é sua convicção de que a resposta não terá sentido se não estiver correlacionada com a situação. Correlacionar a resposta com a situação quer dizer, em certo sentido, realçar certos elementos da mensagem cristã. Diz Tillich que no período da confrontação da Igreja com o mundo helênico, o que condicionava a mensagem era o problema da morte e da imortalidade. Na Idade Média e na Reforma, o Evangelho, principalmente as Epístolas paulinas, foi interpretado sob o prisma da **culpa e do perdão**. E hoje, realça êle o que nos preocupa não é o problema da cristianização da sociedade, nem tampouco a salvação pessoal, mas os graves problemas do conflito do homem, da auto-destruição, do desespero, isto é, a vida com

---

7 — A. T. Mollegen, *Christology and Biblical Criticism*, em *Theology of P. Tillich*.

muitas possibilidades, mas apoderada pelo ceticismo na mente e cinismo na atitude, porque não percebe o sentido e a orientação para suas possibilidades. Esses problemas são expressos na arte, na literatura e conceituados na filosofia existencialista. **Por isso, a norma que deve orientar a resposta cristã é a formulação do evento de Cristo com a realidade, em quem o homem possa encontrar a reconciliação e re-orientação da criatividade humana com sentido e esperança.**

A luz desta norma, podemos compreender que sua **TEOLOGIA SISTEMÁTICA** é uma tentativa de responder criativamente aos problemas que Tillich percebe na análise da situação humana.

### **O arcabouço do seu sistema**

Além do problema da razão e da revelação, a primeira parte consta da Doutrina de Deus em correlação com a antropologia. Justifica a correlação em Calvino naquelas palavras de que o conhecimento de nós mesmos não é apenas um estímulo para procurar a Deus, mas auxílio considerável para encontrá-lo. Por outro lado, é evidente que homem algum poderá chegar ao conhecimento de si mesmo sem que contemple primeiro o caráter divino, e daí se humilhe e considere o seu. Em outros termos, a miséria humana serve de base para compreender a glória de Deus e a glória de Deus, por sua vez, fornece os elementos necessários para compreender a miséria humana.

Quanto à antropologia, toda a preocupação tillichiana se focaliza na descrição da estrutura do ser humano, inclusive a **sua finalidade ou finitude**. Apresenta o homem como sujeito e objeto, e também em interdependência como o mundo. O indivíduo pertence a uma série de estruturas e formas, sem as quais não pode existir. Apropriando-as para si mesmo, o homem lhes dá significado. Nesse sentido, o mundo também lhe pertence, como algo que o tomou sobre si. Essa correlação em termos de poder e realização é também dinâmica e formal. Em outras palavras, o homem é chamado a realizar suas potencialidades e se expressar em forma. Outra correlação tillichiana muito importante na descrição do homem é a **de liberdade e destino**. O âmago do ser humano é liberdade. E por liberdade Tillich quer dizer o modo de ser que se manifesta na deliberação, na decisão e no ato de tomar responsabilidade ou responder pela decisão. O «Eu» que faz a deliberação e a decisão é a totalidade concreta de tudo o que constitui esse «eu», isto é, sua estrutura física, energia psíquica, seu caráter espiritual, e além disso, o passado histórico feito de decisões e eventos alheios, sobre os quais não tem poder de anulação; a sociedade, as circunstâncias atuais. Tudo isso entra na decisão e constitui sua moldura. Em outras palavras, é o destino. Assim, a moldura influi na decisão e a decisão por sua vez modifica a moldura.

Esse ser é limitado e finito. A finitude é articulada pelo tempo, casualidade, etc. A dimensão subjetiva disso é a angústia, a angústia de não ter um lugar definido, de ser transitório e de não causar a si mesmo.

A resposta é a doutrina de Deus. Sem dúvida alguma, ela é formulada pelo Ser, não como um ser superior, isto é, um superior, mas um entre outros. O superlativo aplicado a Deus pode ser diminutivo. Daí a afirmação radical de que Deus é a fonte e a base de todo o ser. Com isso quer expressar a idéia de Deus acima de Deus, ou totalmente «outro», mas que facilmente se confunde com a realidade criada.

A sua teologia está independente da cristologia, de certa forma, como também sua antropologia, pelo menos na descrição do homem como ser. Talvez nesse ponto Barth seja importante e seu protesto contra a antropologia natural seja algo crucial para o cristianismo.

A cristologia de Tillich começa com a descrição da existência humana como a perversão, distorção, a quebra da polaridade e da estrutura do homem. Daí ele apresenta o problema da solidão ou da perdição do homem nas coisas, na culpa, na vacuidade espiritual. Utiliza os elementos do existencialismo para descrever o pecado como alienação de Deus, de si, do próximo, do destino, etc.

Cristo é apresentado como o Novo ser em quem o homem alienado é reconciliado. Em linhas gerais, a ênfase recai na soteriologia. As fórmulas de Nicéia-Constantinopla e Calcedônia são menosprezadas como inadequadas. Dedicou um bom capítulo sobre o problema do Jesus histórico versus Cristo da fé. Para Tillich a investigação histórica termina em probabilidade e não pode ser fundamento da fé. Pois qualquer investigação histórica pressupõe uma filosofia ou teologia. A procura do Jesus histórico foi motivada por uma teologia liberal e humanista. Assim, o conhecimento cristão de que Jesus é Cristo depende do testemunho apostólico. O centro do Evangelho é o evento de Cesaréia de Filipo em que São Pedro ousou afirmar o que ninguém tinha afirmado: «tu és o Cristo».

Aqui podemos ver o princípio da correlação entre o fato Jesus e sua interpretação e recepção por parte de todos os apóstolos. Tillich insiste que Cristo não é Cristo sem a recepção e reconhecimento por parte da Igreja. Insiste ainda que o Cristo é conhecido no testemunho integral da Igreja. Na concepção de Tillich, o Novo Testamento é o quadro interpretado pela Igreja no poder do Espírito que pressupõe o Jesus fotografável.

Nesse problema também aplica o princípio da justificação. Do ponto de vista da investigação histórica, o evento de Cristo é uma probabilidade, mas na proclamação da Igreja o homem em dúvida é apoderado pelo Novo Ser e poderá dizer que Jesus é o Cristo.

Entretanto, o problema que surge na consideração de Tillich sobre a relação entre o Jesus da história e o Cristo da fé, é o menosprezo pela investigação histórica dentro do Kerygma. Em outras palavras, pressupõe o Jesus da história, mas não afirma suficientemente sua objetividade, sua pessoa que fala através dos seus intérpretes no Novo Testamento. Por isso, lendo o II volume da **Systematic**

**Theology**, fica-se com a impressão de que tudo o que se diz a respeito de Cristo é a interpretação posterior da Igreja e que não parte do próprio Cristo. A Igreja é que projetou uma interpretação teológica ao fato Jesus. Não resta dúvida de que o Evangelho foi escrito do ponto de vista da Ressurreição em direção ao nascimento. Isso nos indica que o Espírito é que nos possibilita a conhecer a Jesus Cristo. Mas o Espírito é a promessa de Cristo. Assim, a pneumatologia é cristocêntrica. Em Tillich não existe uma relação entre Espírito e Cristo nas questões acerca do Jesus da História e o Cristo da fé. Em síntese, Tillich não toma a sério a auto-interpretação de Jesus de si mesmo e de sua missão e do Velho Testamento como base para a interpretação eclesiástica pelo Espírito.

Esperamos que o III volume nos esclareça esses problemas. A teologia de Tillich ainda não está concluída e é prematuro afirmar categoricamente alguma coisa sobre sua obra teológica como um todo. Seja como for, seu método de correlação é suficiente para mostrar sua criatividade e os problemas que devem ser ponderados seriamente, porque pertencem ao núcleo da fé e precisam passar pelo exame do consenso geral da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

---

**Nota da Redação:**

O autor, Dr. Sumio Takatsu, é professor no Seminário da Igreja Episcopal em Porto Alegre.